

CHARGE E CARTUM: UMA PERSPECTIVA SEMIOLINGÜÍSTICA DO DISCURSO

Verônica Palmira Salme de ARAGÃO¹ (UFRJ)

RESUMO: O presente estudo corresponde a uma proposta de análise comparativa entre os textos *charge* e *cartum*, baseada na teoria da Análise Semiolingüística do Discurso em que se estabelecem conceitos, como os de *contrato comunicativo* e de *gênero textual*. Nesse sentido, vale ressaltar que as charges desfrutam de um espaço de destaque na maioria dos jornais, sendo, portanto, porta voz, cotidianamente, dos principais fatos políticos, enquanto o *cartum* apresenta-se, nos mesmos jornais, porém em outros espaços e com outras temáticas.

RESUMÉE: Ce travail présente une proposition d'analyse comparative entre les textes charge et cartoon, basée sur la théorie de l'analyse semiolinguistique du discours où se trouvent des concepts, comme le mis en scène et le genre textuel. Dans ce sens-là, on peut signaler que les charges disposent d'un espace en relief dans la plupart des journaux, étant donc, porte-parole quotidiennement des principaux faits politiques, tandis que le cartoon est présent dans les mêmes journaux, cependant dans d'autres espaces avec d'autres thématiques.

1. Introdução

Optou-se pelo trabalho com os gêneros *charge* e *cartum* em função da pertinência de estudos da língua que congreguem elementos visuais, com o objetivo de desenvolver o interesse do aluno para a leitura. Além disso, a competência para a leitura não pode se limitar ao verbal, principalmente porque há predominância de textos não-verbais na sociedade atual. Dessa forma, acredita-se que o trabalho com textos imagísticos seja uma boa fonte de estímulo para o ingresso do aluno na leitura e na produção de textos em geral.

O papel argumentativo e informativo desses textos contribui para a formação de um indivíduo crítico em relação à sociedade em que vive. É nesse sentido que a Análise semiolingüística do discurso oferece instrumentos para um exame desses gêneros, considerando seus aspectos sociais e linguageiros. Espera-se, ainda, que o conceito de *contrato comunicativo* contribua para o reconhecimento dos projetos de fala estabelecidos na *charge* e no *cartum*.

Vale ressaltar a amplitude de gêneros imagísticos que surgem atualmente na sociedade e a necessidade de estudos voltados para essas estruturas que normalmente congregam o verbo e a imagem. Os gêneros caricatura, história em quadrinhos, tira, propaganda, *outdoor*, *charge*, *cartum*, grafite, dentre outros integram a vida atual, portanto nada mais justo que os estudos se proponham ao trabalho.

Nesse sentido, destacam-se algumas hipóteses esperadas na análise da *charge* e do *cartum*, cujas estruturas, embora parecidas, revelam diferenças. O reconhecimento dessas diferenças e, conseqüentemente, dessas estruturas contribuem para o estímulo ao trabalho com charges e com cartuns em sala de aula, de forma motivadora.

O *corpus* compreende seis *charges*, sendo três de O Globo e três do Jornal do Brasil, de autoria dos respectivos chargistas Chico Caruso e Ique, enquanto os cartuns são todos de Globo, de autoria dos cartunistas Miguel Paiva e Lan, totalizando seis também. A coleta do *corpus* foi feita em três dias aleatórios: 26/09/05, 27/04/06 e 15/04/06, tendo este último *corpus* a exceção da *charge* de Ique datada de 11/10/05.

O jornal O Globo normalmente publica *charges* e *cartuns*, o que normalmente não acontece nos outros jornais, nos quais são publicadas ora *charge* ora *cartum*. A *charge* aparece sempre na capa, enquanto os *cartuns* são dispostos no corpo do jornal.

O Jornal do Brasil publica *charges* do Ique, contudo há uma certa rotatividade desse chargista com Liberati. Elas apresentam-se no corpo do jornal, na página de opinião, justaposta ao editorial e às cartas dos leitores.

¹ E-mail: venasalme@gmail.com (Docente substituta de 3º grau na UFRJ e mestranda na UFF)

3. Gêneros textuais

Os estudos de *gêneros* trouxeram uma grande contribuição para o ensino de língua, pois, se o principal fim da linguagem é a comunicação, não há outra maneira de se comunicar se não por meio dos gêneros. Segundo Bakhtin (1992: 291), “o desejo de tornar seu discurso inteligível é apenas um elemento abstrato da intenção discursiva em seu todo”. Sendo assim, o ser humano se encarrega de criar formas mais ou menos institucionalizadas na sociedade que permitem organizar o “caos” pré-existente ao ato de produção.

3.1 Tipologia

Marcuschi (2002: 22) distingue *gênero* de *tipo textual*, sendo o primeiro uma opção primordial para o ato comunicativo, enquanto o segundo designa uma espécie de construção teórica definida pela *natureza lingüística* de sua composição e abrange “cerca de meia dúzia” de categorias conhecidas, como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*.

O autor apresenta, ainda, o seguinte quadro com a intenção de detalhar sua definição:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. Constructos teóricos definidos por propriedades lingüísticas intrínsecas;	1. Realizações lingüísticas concretas definidas por propriedades sócio comunicativas;
2. Constituem seqüências lingüísticas ou seqüências de enunciados e não são textos empíricos;	2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas;
3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal;	3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função;
4. designações teóricas dos tipos: narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance etc.

O autor aponta, ainda, a noção de *domínio discursivo* que designa uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, fala-se em *discurso jurídico, jornalístico, religioso* etc., já que essas atividades não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais se identifica um conjunto de gêneros textuais como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas. Nesse sentido, cabe a seguinte distinção entre *texto* e *discurso*, conforme (*ibidem* p. 24):

Texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. *Discurso* é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas.

Marcuschi (2002: 25) afirma que “um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)”. A carta pessoal, por exemplo, pode conter uma seqüência narrativa, uma argumentação, uma descrição e assim por diante. O autor (*ibid.*p. 27) acrescenta que “a rigor, pode-se dizer que o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa ‘costura’ ou tessitura das seqüências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infra-estrutural do texto”.

3.2 A proposta de Charaudeau

Charaudeau *apud* Oliveira (2003) classifica os textos quanto ao *modo de organização do discurso*, quanto ao *gênero* e quanto ao *tipo*. Os *modos de organização do discurso* dizem respeito à estratégia discursiva, podendo se caracterizar como *narrativo, argumentativo, descritivo* e *enunciativo*. Contudo, esse último modo não será considerado na presente análise, uma vez que sua função principal é gerir os outros modos. A noção de *gênero* se coaduna com os conceitos de Marcuschi e Bakhtin, uma vez que se trata da

função social dos textos, enquanto os *tipos* correspondem à atividade humana em que se insere. São exemplos de *tipo* a literatura, o jornalismo, a filosofia etc.

Oliveira (2003: 42) sistematiza tal proposta no seguinte quadro:

MODOS DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO: Descritivo, narrativo, argumentativo, enunciativo	
TIPOS DE TEXTOS	GÊNEROS
JORNALÍSTICO	. notícia . editorial . crônica esportiva
LITERÁRIO	. poesia . teatro . ficção
PUBLICITÁRIO	. <i>outdoor</i> . <i>jingle</i> . prospecto
BUROCRÁTICO	. memorando . ofício . requerimento

Vale lembrar que os gêneros estão, diretamente, ligados aos tipos textuais e que, normalmente, um texto apresenta mais de um *modo de organização do discurso*. Portanto, a análise desse critério tipológico deve se valer da *predominância*. Assim, uma narrativa, como é comum em Clarice Lispector, pode empregar a argumentação para persuadir seu interlocutor a determinada idéia.

Dessa forma, a análise dos textos seguirá orientação teórica de Charaudeau, baseada no quadro supracitado, visando uma classificação que aponte a diversidade de assuntos presentes no tipo jornalístico nos dois *gêneros*. Acredita-se que essa pesquisa possa contribuir para o reconhecimento das *competências* exigidas ao aluno para a compreensão e para a interpretação dos textos.

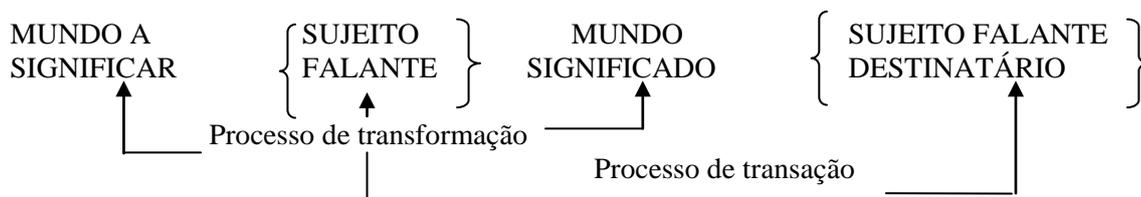
4. A Análise Semiolingüística do Discurso

A teoria que fundamenta este artigo será desenvolvida juntamente com as palavras dos cartunistas Ique e Aroeira, entrevistados por Valente (2001). Com isso, pretende-se apresentar de modo prático a proposta de Charaudeau (2005), destacando de sua fundamentação teórica os aspectos apontados pelos caricaturistas.

Charaudeau (2005) caracteriza a comunicação como um fenômeno psico-socio-linguageiro de construção do sentido, uma vez que se compõe de cognição (em função da categorização que se faz do mundo), do psico-social (em função do valor dos signos e da influência dos fatos de linguagem) e da semiótica (em função da construção do sentido e da forma). Assim, o autor ressalta o duplo processo de *semiotização do mundo* relativo ao processo comunicativo.

A semiotização² do mundo é realizada, primeiramente, pelo processo de **transformação**, em que se parte de um “mundo a significar” (o mundo real) para o “mundo significado” (o mundo textual). Posteriormente, esse “mundo significado” é transmitido a um interlocutor. Trata-se do **processo de transação**. É importante ressaltar que, nos dois processos, há um sujeito responsável pela realização da semiotização do mundo, o que significa dizer que o sujeito falante exerce papel essencial na caracterização do ato comunicativo. Nesse sentido, vale destacar o quadro em que Charaudeau (2005: 14) sistematiza essas informações:

² Charaudeau (2005: 12) considera o termo de uma forma geral relativa à construção do sentido e da forma.



Nessa perspectiva, consideram-se, ainda, os sujeitos do discurso sob dois pontos de vista: no primeiro, os interlocutores integram o mundo real ou extratextual como seres sociais e, portanto, providos de uma intenção. Nesse caso, são denominados *sujeito comunicante* (produtor) e *sujeito interpretante* (receptor); no segundo caso, os mesmos interlocutores estão intrínsecos ao discurso, ou seja, são intratextuais e, portanto, classificam-se como *sujeito enunciador* e *sujeito destinatário*.

Tendo em vista a exemplificação desses processos, vale verificar o relato de Aroeira *apud* Valente (2001: 151):

a gente tem que agir rápido, a gente pega os jornais, dá uma lida, já descobre quem é o personagem e sai fazendo a caricatura sem nem pensar o que realmente vai fazer com ele. Isso é comum acontecer. Daí o Ique, com essa prática, com a mão coçando, desenha o tempo inteiro, também estou desenhando. Mas a gente faz porque quer realmente dizer alguma coisa, (...) Nós temos conteúdo, exploramos os significados e usamos muito essa brincadeira dos trocadilhos, dos opostos. Eu uso mais texto do que o Ique, um cara que gosta de fazer trocadilho só no desenho.

Trata-se do momento em que o sujeito comunicante encontra no mundo a significar elementos que o estimula ao *processo de produção*, o que ocorrerá por meio do **processo de transformação**. Nesse caso, o locutor refere-se à escolha do código lingüístico ou imagístico com o intuito de construção de sentido.

Charaudeau (*ibidem*, p. 14) aponta quatro operações realizadas pelo locutor no **processo de transformação** por meio do código lingüístico: a *identificação* (em que há a nomeação dos referentes), a *qualificação* (em que esses referentes são discriminados), a *ação* (em que se concebe uma ação, isto é, razão de ser ao referente) e a *causação* (em que se atribui uma causação ao referente). No texto não-verbal, esse processo ocorre de maneira bastante diferente, visto que “o objeto não se distingue do próprio signo, porque ele, o signo, é extraído do próprio objeto como parte dele; uma relação, por assim dizer, metonímica, se utilizarmos uma designação da retórica verbal”. (Ferrara, 1986, p. 17).

O **processo de transação** é responsável pela codificação do *mundo significado* realizada por um sujeito locutor. O papel desse sujeito é tão fundamental que esse processo depende basicamente dele, conforme pode ser observado nos quatro princípios que Charaudeau (*ibid.*, p. 15) propôs. São eles: a *alteridade* (reconhecimento e legitimação recíprocos dos parceiros); a *pertinência* (compartilhamento dos saberes implicados no ato de linguagem); a *influência* (intenção de atingir seu parceiro) e a *regulação* (intercompreensão mínima). Esse processo aplica-se também ao texto não-verbal, no qual se nota uma dependência em relação à situação e ao gênero, o que pode ser percebido na fala de Aroeira *apud* Valente (*ibidem*, p. 152):

a parte que eu acho mais importante é o que essa charge vai significar, vai realmente ser. Todos os trabalhos dos chargistas são claramente engajados ideologicamente, todos são contra o neoliberalismo, contra as privatizações, contra o Fernando Henrique, contra a polícia do Rio, contra o governador Garotinho, contra tudo o que pisa no nosso pé diariamente, o que acontece no Brasil todos os dias. Como cada chargista tem as suas idéias é que varia.

A referência ao gênero revela uma propriedade da charge que é fazer crítica, todavia há fatores externos que complicam essa prática, conforme aponta Ique *apud* Valente (*ibid.*, p. 155)

Nesse processo de criação, você tem que pensar na charge que você vai fazer no dia seguinte, você tem que pensar em como argumentar com o editor, deixar sempre uma brechinha para sua argumentação e conseguir fazer com que sua charge saia todos os dias. Isso é um exercício.

A partir dessa última observação do Ique, pode-se reconhecer o principal conceito proposto pela Semiolingüística, o de **contrato comunicativo**. Trata-se de um projeto produzido por um sujeito que precisa,

então, intermediar os espaços de restrições e de estratégias, de acordo com os processos supracitados, a fim de se comunicar. As estratégias utilizadas pelos caricaturistas para as transposições do verbal para o não-verbal, bem como do *mundo a significar* para o *mundo significado* exemplificam as estratégias e as restrições, típicas de cada contrato. Conforme Aroeira *apud* Valente (*ibid.*, p. 156)

uma coisa que o Ique faz magnificamente é pegar um ditado, uma frase que se usa sempre na língua, e traduzir para o desenho. Ele realmente dispensa a palavra, por isso eu falo que ele usa o trocadilho visual. Ele desenha o ‘rabo preso’, você nota o ‘rabo preso’. Ele desenha o ‘lamber as botas’ e você o cara ‘lambendo as botas’

O *contrato comunicativo*, de acordo com Charaudeau (2005: 18), supõe duas perspectivas enunciativas: uma interna e uma externa ao texto, com seus respectivos sujeitos do discurso ou da realidade. No caso dos textos publicados em jornais, muitas vezes o sujeito interpretante tem a oportunidade de interagir com o sujeito comunicante, mesmo que não de forma instantânea. É o que acontece no exemplo de Ique *apud* Valente (*ibid.*, p. 157) em que o *sujeito interpretante* critica a *pertinência* informativa de seu discurso

Uma vez um leitor escreveu e pediu minha demissão d' *O Globo*, afirmando que eu era cruel, desumano e incorreto. Ele publicou a carta do leitor e publicou a resposta, dizendo que o jornal não faria isso porque o papel do chargista não era ser correto, nem politicamente correto, nem era ser legal ou bonzinho. A função do chargista era como a daquele escravo que vinha atrás de uma biga instruindo os romanos, lembrando ao César, falando no ouvido dele: ‘Você é mortal, você vai morrer! Esse triunfo todo aqui não vale droga nenhuma porque você é um débil mental e vai morrer!’ - o que lembrava ao cara a sua condição de mortal

Para a Análise Semiolinguística do Discurso, o *sujeito interpretante* não é um mero expectador que recebe um texto. Ele constrói um novo texto, ou discurso, no momento em que interage com o sentido transmitido pelo sujeito comunicante. Assim, o conhecimento de mundo do sujeito receptor é ativado nesse novo processo de construção de sentido.

Um outro aspecto fundamental para a Análise do Discurso francesa, de Charaudeau, é a importância do reconhecimento de um gênero textual, uma vez que esse fator também influencia a situação. Essa metodologia propicia, por exemplo, apontar-se a diferença entre *charge* e *cartum* que, conforme Valente (*ibid.*, p. 167), considera “o valor caricatural, a semelhança de traços na charge, mais circunstancial que o cartum. O cartum seria, num certo sentido menos circunstancial mais uma reflexão sobre a condição humana”. Então, alerta para o fato de que “algumas vezes as charges conseguem virar um cartum, pois são tão boas que conseguem representar uma situação corrente em qualquer contexto político”, segundo Aroeira *apud* Valente (*ibid.*, p. 168).

Verifica-se, portanto, uma relação direta entre *charge* e *enunciação* de um lado e, por outro lado, a relação entre *cartum* e enunciado. A *enunciação* depende totalmente do contexto do ato de produção, como ocorre com as *charges*, enquanto o *enunciado* seria o produto desse ato, mais ligado ao *cartum*. O desconhecimento do contexto social no momento de publicação da *charge* pode levar a incompreensão da mesma. Com isso, nota-se uma outra característica da *charge*, a intertextualidade com os textos diários, por conseguinte, com os fatos mais novos e importantes. O *cartum*, nesse sentido, é bastante diferente, porque aborda fatos mais gerais, universais e relacionados ao comportamento de determinados grupos.

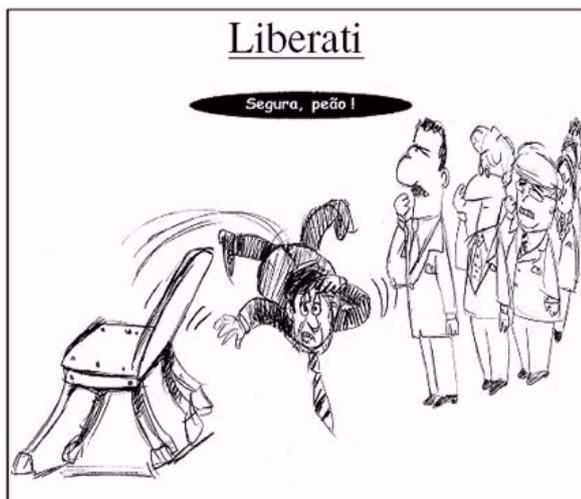
Dessa forma, buscou-se, no presente trabalho, “casar” a teoria semiolinguística e a entrevista dos chargistas Aroeira e Ique dadas ao linguista André Valente, professor da Uerj. Com isso, pretende-se contribuir para a compreensão dos gêneros, de forma a propiciar o aprofundamento dos sentidos transmitidos pelo texto, ou mais especificamente do discurso.

5. Análise

As análises serão distribuídas em dias diferenciados para, posteriormente, sistematizar-se tais informações. A comparação entre os textos será baseada na natureza da informação, *circunstancial* (temporal) e *universal*, e da forma, como, por exemplo, a informação é veiculada pela *imagem* ou pelo *verbo*.

5.1 Charges e cartuns de segunda-feira

Charge 1



Liberati: JB (26.09.05)

Referência:

Sucessão à presidência do Senado

Charge 1

- Objetivo: criticar, por meio do humor, o Senado por sua incapacidade de eleger um presidente que se mantenha.
- Modo de organização discursiva predominante: linguagem não-verbal veiculada, principalmente, pela *intertextualidade* entre a não-permanência do peão em cima de um touro bravo, assim como, não permanecem os últimos presidentes na cadeira do Senado. Portanto, pode-se falar em *metáfora* em que o elemento comum às duas situações é a dificuldade de se assentar. O verbal aparece como elemento esclarecedor da informação, portanto responsável por completá-la.
- Recursos utilizados pelo autor: A imagem (desenho) e título.

Charge 2

- Objetivo: Ironizar e criticar a prática da corrupção que, nesse caso, envolve Paulo Maluf e o seu filho.
- Modo de organização discursiva predominante: linguagem verbal e não-verbal veiculada. O verbal apresenta-se em forma de diálogo, em que se nota uma *intertextualidade* ente a fala de Maluf e a célebre frase “um dia isto tudo será seu”. O uso do *dêitico* “isto” relaciona verbal e não-verbal. Quanto a esse último, o não-verbal, verifica-se a *comparação* entre pai e filho (elemento visual). O verbal aparece como elemento essencial para a compreensão do texto.
- Recursos utilizados pelo autor: a imagem (caricatura) e o diálogo.

Em ambos, retrata-se um fato atual e social, daí sua característica *circunstancial*. Vale destacar os níveis de leitura possibilitados por esse gênero, em que a interpretação se constrói pela quantidade de leituras anteriores.

Charge 2



- Meu filho, um dia isto tudo será seu...
— É ruim, hein, pai?!

Chico Caruso: O Globo (26.09.05)

Referência:

Prisão de Maluf e acusação contra seu filho

Cartum 1



Miguel Paiva: O Globo (26.09.05)

Referência:

A valorização do físico pelo estereótipo do homem e pela mulher

Cartum 2



— Katrina, Ofélia, Rita...

— Por que os americanos dão sempre nome de mulher às catástrofes da natureza?

— Porque a natureza é mulher, e mulher sempre vai à forra.

Lan: O Globo (26.09.05)

Referência:

A pejorativa visão dos americanos com relação às mulheres

Cartum 1

a) Objetivo: reflexão, por meio do humor, quanto aos dois comportamentos, masculino e feminino, que valorizam demasiadamente o aspecto físico do ser humano.

b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem verbal veiculada, principalmente, no diálogo entre os personagens, auxiliado pela legenda, além do título “constatações” que contribui para o sentido. Portanto, pode-se falar que a linguagem não-verbal serve apenas para ilustrar o *cartum*, já que pouco interfere em seu sentido.

c) Recursos utilizados pelo autor: quanto à forma, vale apontar o excesso de cores e tons, além da dupla seqüência de quadrinhos, o que contribui para a *narratividade* do texto.

Cartum 2

a) Objetivo: reflexão e crítica, por meio do humor, à postura preconceituosa dos americanos em conferir nomes de mulheres a catástrofes naturais, como Katrina, Ofélia e Rita.

b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem verbal veiculada, principalmente, no diálogo entre os personagens, sem uso do balão. A imagem não interfere na informação, contudo marca a autoria, visto que Lan sempre utiliza sua própria imagem como personagem junto a uma mulata. Trata-se, portanto, de um alter-ego.

c) Recursos utilizados pelo autor: a forma *interrogativa* (por que) para questionar um fato cotidiano que, normalmente, passa despercebido.

Sendo assim, nota-se, nos *cartuns* acima, a necessidade do verbal, portanto a imagem atua como fator complementar.

5.2 Charges e cartuns de quinta-feira

Charge 1



Paulo Caruso: JB (27.04.06)

Referência:

José Dirceu e José Mentor acusados de participação no mensalão

Charge 2

E NA SAUDAÇÃO DOS IRMÃOS EM ÓLEO...



— O petróleo nosso de cada dia nos dai hoje...

Chico Caruso: O Globo (27.04.06)

Referência:

Lula, Kishner e Hugo Chávez saúdam a produção do petróleo brasileiro

Charge 1

a) Objetivo: criticar, por meio do humor, os políticos envolvidos com o mensalão.

b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem não-verbal veiculada, principalmente, pela caricatura dos personagens políticos, supostamente, conhecidos pela população, o que indica a possibilidade de não compreensão do texto, já que se trata de um certo grau de exigência de conhecimentos atuais dos fatos políticos.

O verbal é fundamental para a compreensão/interpretação do texto, uma vez que oferece pistas das duas personalidades, como o nome de um dos políticos, José Mentor, e a referência ao mensalão. Portanto, mais uma vez, a linguagem verbal aparece de maneira a complementar a linguagem não-verbal em termos informativos.

c) Recursos utilizados pelo autor: a imagem apropria-se da *caricatura* de dois personagens políticos — José Dirceu e José Mentor.

O verbal utiliza-se da *polissemia* do termo Mentor que designa, ao mesmo tempo, o nome do político José Mentor e a expressão mentor³. Assim, verifica-se uma certa sofisticação do enunciado que exige do leitor a identificação da ambigüidade do termo “mentor” para alcançar o nível de interpretação do texto.

Charge 2

a) Objetivo: criticar, por meio do humor, a posição de Lula quanto ao petróleo, acreditando no apoio de Kishner e Hugo Chávez como dois aliados.

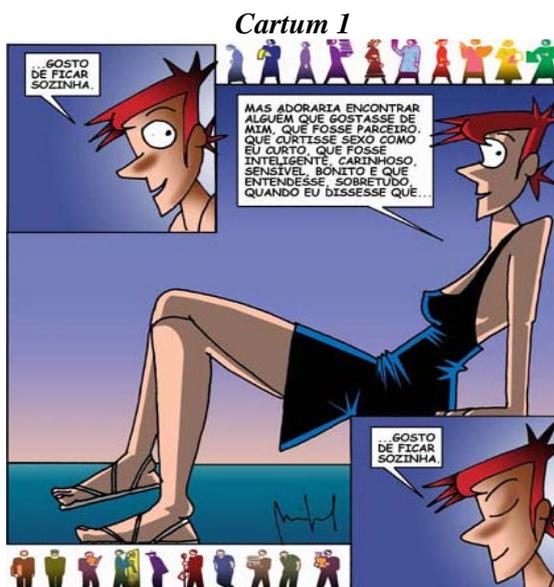
b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem não-verbal veiculada, principalmente, pela *caricatura* dos personagens políticos, que são fundamentais para a compreensão do texto, já que há um acordo político entre eles em relação à produção de petróleo.

O verbal também é imprescindível para a compreensão/interpretação do texto, porque é nela que está a crítica veiculada pela *intertextualidade* com a oração “Padre Nosso”. Assim, infere-se que, somente com oração, o petróleo nacional será obtido.

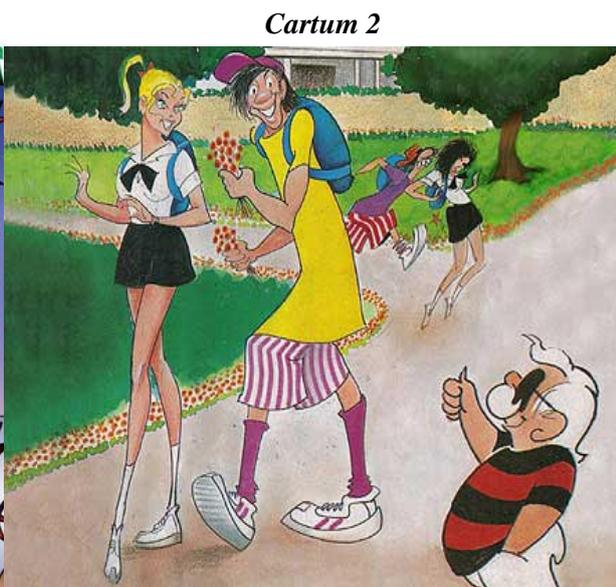
c) Recursos utilizados pelo autor: a imagem apropria-se da *caricatura* de três personagens políticos — Lula, presidente do Brasil, Kishner, presidente da Argentina e Hugo Chávez, presidente da Venezuela.

³ Segundo Houaiss (2001[eletrônico]), significa “pessoa que inspira, estimula, cria ou orienta (idéias, ações, projetos, realizações etc.)”.

O verbal utiliza-se da *legenda* complementada pela fala de um locutor desconhecido.



Miguel Paiva: O Globo (27.04.06)



Raridade

Lan: O Globo (27.04.06)

Referência:

Reflexões da Radical Chick quanto a ficar sozinha

Referência:

Valorização do amor e crítica à violência

Cartum 1

- a) Objetivo: reflexão, por meio do humor, da personagem que é o estereótipo da mulher moderna.
- b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem verbal veiculada, principalmente, na reflexão que a personagem faz. A imagem é importante porque apresenta a personagem que é reconhecida no contexto de produção — Rio de Janeiro — e que, portanto, representa um tipo de mulher — moderna.
- c) Recursos utilizados pelo autor: em termos de imagem, verifica-se a sobreposição de quadros que focalizam a cabeça da personagem, uma vez que esta faz reflexões. No entanto, o humor restringe-se ao verbal, visto que é nesse âmbito, que está o conteúdo-informativo.

Cartum 2

- a) Objetivo: valorização do amor, que se opõe à violência, por meio de uma crítica descontraída em que se percebe a *intertextualidade* com a história de chapeuzinho vermelho.
- b) Modo de organização discursiva predominante: linguagem não-verbal veiculada pelos desenhos do bosque, das meninas e dos meninos que remetem à história de Chapeuzinho vermelho. Através da imagem, percebe-se a oposição entre o casal amoroso e o casal em que a menina sofre violência do menino (roubada).
- c) Recursos utilizados pelo autor: em termos de imagem, verifica-se a *justaposição de dois planos*: no primeiro, aparece o aspecto positivo e, no segundo, o aspecto negativo em que a menina é roubada. Há, ainda, a presença do alter-ego (caricatura), aprovando a ação positiva do personagem que oferece flores à menina.

Mais uma vez, o verbal é responsável por toda a carga informativa, enquanto o não-verbal apresenta o cenário, com muitas cores de modo a tornar o descontraído. Além da crítica, observada no título do quadrinho que remete à postura cavaleira que oferece flores à menina, daí a denominação “raridade”.

5.3 Charges e cartuns de quinta-feira

Charge 1



Chico Caruso: O Globo (15/04/06)

Referência:

Os dois pré-candidatos do PMDB, Itamar Franco e Garotinho, à presidência da República

Charge 2



Ique: Jornal do Brasil (11/10/05)

Referência:

Lula com o chapéu de comandante e elementos que simbolizam pizza

Charge 1

- Objetivo: criticar, por meio do humor, a competição ríspida dos dois políticos à indicação do partido PMDB para a candidatura à presidência.
- Modo de organização discursiva predominante: o verbal aparece como um complemento da imagem, por meio da fala de Garotinho.
- Recursos utilizados pelo autor: a imagem com o desenho dos aviões e as duas caricaturas de Itamar Franco e Garotinho.

A linguagem verbal é expressa pela variedade oral da língua, como, no exemplo, “dá” e “pra”.

Charge 2

- Objetivo: criticar o presidente que, em meio à polêmica do mensalão, permite a impunidade dos políticos acusados.
- Modo de organização discursiva predominante: a linguagem verbal, normalmente, não aparece nas charges de Ique.

O não-verbal, portanto, é o único responsável pela informação que mostra o presidente preocupado com as acusações do mensalão. Isso pode ser observado por meio das gotas de suor que denotam preocupação e pela pizza simbolizada no chapéu de coronel.

- Recursos utilizados pelo autor: verifica-se o emprego da caricatura de Lula como o referente da crítica, as gotas de suor representando a tensão do presidente e a pizza remetendo à impunidade. Além disso, há uma certa ambigüidade na mão que coloca o chapéu em Lula: podendo ou não ser a dele.

Cartum 1

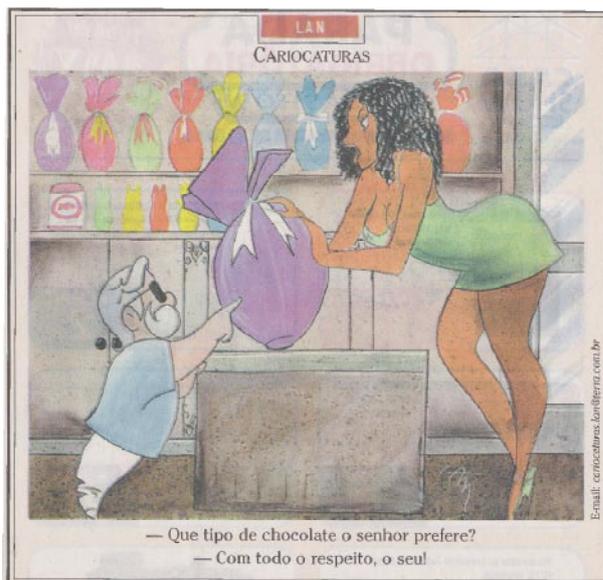


Miguel Paiva: O Globo (15/04/06)

Referência:

O assalto à Rebecca presenciado pelo Gatão de meia-idade

Cartum 2



Lan: O Globo (15/04/06)

Referência:

O desejo do personagem alter-ego de Lan por chocolate

Cartum 1

a) Objetivo: criticar, por meio da ironia, os assaltos, já que há toda uma ambientação romântica quebrada pela cena de violência.

b) Modo de organização discursiva predominante: a linguagem verbal é veiculada *narrativamente* por meio do *título* e de *legendas* que exprimem o pensamento do personagem.

O não-verbal está em plena conjunção com as imagens, demonstrando a intervenção da realidade na desconstrução do romantismo.

c) Recursos utilizados pelo autor: a imagem é veiculada de forma narrativa pela sucessão de *três quadrinhos*, como cenas cinematográficas que revelam todo o teor informativo do texto.

A linguagem verbal aparece no *título* (locutor) e no balão pela voz do enunciador Gatão de meia-idade.

Cartum 2

a) Objetivo: provocar humor por meio da duplicidade de sentido no chocolate desejado pelo personagem.

b) Modo de organização discursiva predominante: a linguagem verbal é expressa por duas falas: a da vendedora que oferece o produto e a do vendedor que deseja um produto que não está a venda. É nesta fala que se concentra o humor.

O não-verbal apresenta os personagens como vendedor e comprador, o que contribui para a contextualização da mensagem.

c) Recursos utilizados pelo autor: a ambigüidade entre o chocolate e a vendedora. Neste caso, a correspondência seria feita por *metonímia*, já que a cor da mulher parece chocolate. Esse último caso, ainda, é modalizado pela expressão “com todo o respeito” para amenizar o assédio e este não parecer tão grosseiro.

5.4 Convergência dos dados

Quadro comparativo dos gêneros

Recursos	Charge	Cartum
Verbal	comparação, dêitico, polissemia, intertextualidade, ambigüidade	título, legenda e fala
Não-verbal	caricatura de políticos, metáfora, metonímia	Personagens, muitas cores
Gênero	um quadrinho, circunstancial	Narratividade com um ou mais quadrinhos, atemporal

Verifica-se, portanto, que a linguagem do *cartum* é mais acessível ao público em geral, já que trata de temas universais e atemporais, podendo ser compreendido por qualquer pessoa em qualquer período. De forma diferente, a *charge* é circunstancial, o que significa dizer que, para compreender sua mensagem, é preciso estar atualizado diariamente dos fatos políticos e de seus personagens também, já que a maioria deles é retratado. Além do alto teor informativo exigido pelo gênero *charge*, percebe-se, ainda a exigência quanto aos recursos expressivos, tanto no âmbito verbal como no não verbal, conforme mostra quadro I.

Quanto ao objetivo, nota-se uma função específica nas *charges* — criticar —, enquanto que os *cartuns* questionam, refletem, provocam humor apenas e também criticam, sendo que, em todos esses casos, a abordagem é mais descontraída, mais sutil. A quantidade de cores fortes contribui para isso.

6. Conclusão

Após o exame das principais propriedades dos gêneros *charge* e *cartum*, é possível identificar o *contrato de comunicação* estabelecido por cada um deles. Nessa perspectiva, verifica-se que a *charge* se apóia num contrato em que o emissor visa um público atualizado dos principais fatos políticos atuais e capazes de interpretar recursos expressivos sofisticados. Assim, nota-se um bom espaço de estratégias com um menor espaço de restrições em relação às *charges*, o que as caracterizam como um gênero transgressor, capaz de criticar a todos, incluindo o presidente da República.

Com o *cartum*, ocorre quase que o contrário, visto que, embora se trate do mesmo público, o emissor não se limita necessariamente a criticar, podendo também apenas provocar o humor, refletir etc. O tema é cotidiano, sem exigência de interpretação das caricaturas com personagens políticos, nem sempre tão conhecidos. O espaço de estratégias é parecido com o da *charge*, pois o caricaturista trabalha com linguagem verbal e não-verbal, contudo, geralmente, optam pela primeira.

Sendo assim, nota-se uma semelhança entre os dois contratos em função da proximidade dos gêneros: pictóricos, humor, reflexão, verbal etc. Entretanto, os objetivos nem sempre coincidem, sendo notadamente a crítica o objetivo da *charge*, enquanto o principal objetivo do *cartum* é fazer rir.

A intertextualidade é, por excelência, o fator mais presente nos dois gêneros. Seu papel como recurso expressivo favorece a propagação de sentidos, tanto no ato de construção do texto, em que dialoga com fatos reais, como ocorre nas *charges*.

7. Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. *Leitura sem palavras*. Série Princípios, São Paulo: Ática, 1986.

HOUAISS, Antônio. [Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0]. Edição integral da obra. Editora Objetiva Ltda, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva *et alii*. *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

_____. Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, Angela Paiva & BEZERRA, Maria A. *O livro didático de português*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, Singrid. *Da língua ao discurso: reflexões para o ensino*. (orgs.), Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Reorientação Curricular: Curso de atualização para professores regentes. Português. Ensino Fundamental. Vol. II. SEE, Governo do Estado do Rio de Janeiro e UFRJ, 2006.

VALENTE, André. O processo de criação das charges. In: AZEREDO, J. C. (org.). *Letras & comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

VAL, Maria da Graça C. Texto e Textualidade. In: *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.3-16.